

# A BUSCA PELA VERDADE NO CRÁTILLO: NATURALISMO E CONVENCIONALISMO NA CONCEPÇÃO PLATÔNICA<sup>1</sup>

(The Search for Truth in Cratylus: Naturalism and Conventionality in Design Platonic)

**Rogério Santos dos Prazeres\***  
Licenciado em Letras (UCDB)  
**Me. José Moacir de Aquino\*\***  
Mestre em Filosofia (UFMG)  
**Dr. Heitor Romero Marques\*\*\***  
Doutorado pela UCDB

## RESUMO

Este texto trata de um clássico da filosofia platônica, o Crátilo. Redigido em forma de diálogo, característico do estilo platônico de escrita, nele está distinta a supervenção de uma das grandes temáticas da filosofia contemporânea, isto é, a linguagem, em que se traz à tona a discussão sobre a adequação de um nome a um objeto, também conhecido como a justeza do nome à coisa. Figuram-se como questões centrais as teses do naturalismo e convencionalismo, que estruturam o que se entende como instrumentalização da linguagem, e que, hodierno, arremete, enquanto desconstrução desta instrumentalização, a uma epistemologia da linguagem, que fora, de forma capitular no Século V, primada na ideia de essência. Expõe-se na conjuntura textual a importância da linguagem para a filosofia desde a antiguidade, e que, por sua vez, consubstancia-se, em relevo, numa discussão sobre a verdade.

Palavras-chave: Filosofia. Linguagem. Platão.

## ABSTRACT

This text is a classical Platonic philosophy, the Cratylus. Written in dialogue form, in especially appreciation denoted in the style of Plato's writing, it is distinct as one of the major themes of contemporary philosophy, that is, the language, in which it brings to the debate form the adequacy of a name an object, also known like the correct name of thing. Appear as central these issues of naturalism and conventionalism, that structure is meant as instrumentalization of language, and that today's, approaching, while the deconstruct this instrumentalization, the epistemology of language, which was so yield the Century V, prioritized on the idea of essence. It explains the textual environment the importance of language to philosophy since antiquity, and that, in turn, is embodied, in relief, in a discussion about the truth.

Keywords: Philosophy. Language. Plato.

## INTRODUÇÃO

Rompido o panorama filosófico metafísico tradicional, contemporaneamente, a linguagem está redirecionada numa correspondência intersubjetiva, validada na interação sócio-comunicativa (pragmática da linguagem). Ela não está mais legada à filosofia da consciência, ou ao indivíduo solipsista. As teorias levantadas apontam para a linguística pragmática e sua relação com o ser, no centro da revolução do

conhecimento, e fundamentada filosoficamente<sup>2</sup>, cujas assertivas são propostas a serem consideradas e validadas na *práxis* comunitária. Contudo, desde a Filosofia Clássica, e isso perdura ainda até hoje, ao se acessar um determinado conhecimento, entende-se que se defrontam nele sujeito e objeto. “Ambos são o que são apenas na relação, na medida em que são um para o outro”<sup>3</sup>, tal que estão mutuamente subordinados ao conhecimento de mundo por parte dos indivíduos. Isso será confirmado com a necessidade de um conceito de verdade (fronteiriço), que os indivíduos impõem-se uns aos outros para saciar a necessidade “compulsiva” de crer, e, suspeitar (ceticismo sistêmico). Mas também, em nossa época, com a transformação da filosofia, postula-se uma razão discursiva que responsabiliza o indivíduo por todo o conhecimento produzido. Nisso, verifica-se uma relação “sujeito-sujeito”, e não mais sujeito e objeto como eram para a Tradição. Essa razão discursiva acena para o sentido e a denotação no crivo de uma fundamentação racional gnoseo-antropológica na semântica contemporânea, a qual, basilaramente, foram suscitadas no Crátilo de Platão, em que as primícias estão perpetradas nas teses naturalista e convencionalista.

Esse texto consiste em esclarecer como a linguagem está intimamente relacionada com a pretensão de verdade e com o real, mantendo, todavia, o nexos vigente entre a Tradição Filosófica Clássica e a Filosofia da Linguagem, no aporte do Crátilo.

O Crátilo, escrito no século V, é um clássico da filosofia helênica dentre os Diálogos escritos por Platão (428-7 – 348 a.C), e está intitulado com o nome de seu preceptor inicial, quando moço, em tenra idade; sucedido então depois por Sócrates, seu último mestre. Sabe-se, segundo o depoimento e fontes relacionadas aos testemunhos de Aristóteles, “Platão, na juventude, teria conhecido Crátilo, que adotando as ideias de Heráclito de Éfeso sobre a mudança permanente de todas as coisas, afirmava a impossibilidade de qualquer conhecimento estável”<sup>4</sup>, ou concebível como invariável.

## **1. NATURALISMO VERSUS CONVENCIONALISMO NO CRÁTILLO**

O Crátilo de Platão é a referência fundamental para encetar reflexões sobre a linguagem, e em mais específico, sobre a semântica. Nele está o embasamento do raciocínio moderno, em que se possibilitou aperfeiçoar abordagens da linguística contemporânea, de Saussure a Chomsky<sup>5</sup>, e contributos interdisciplinares<sup>6</sup> relevantes ao estudo da linguagem ou, contemporaneamente, a crítica da linguagem<sup>7</sup>. Isso porque o

*logos*, conforme Auroux, em Heráclito<sup>4</sup>, “designa tanto a expressão do pensamento humano quanto o princípio que determina o devenir cósmico”<sup>8</sup>, a tese da instabilidade de todas as coisas.

O modo dialético em que Platão expõe o debate acerca da realidade e a correspondência entre os enunciados no Crátilo inquieta pela busca da verdade. Por isso, ao se considerar a relação pensamento e linguagem, pode-se concluir uma epistemologia vinculada a esta relação, cujo intuito primário é trazer à tona a verdade. Trata-se de uma elucidação da análise do que é percebido e o seu significado, “o exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradia a sua significação sem abandonar o temporal e o espacial”<sup>9</sup>, contextualizados na conexão existente entre linguagem e conhecimento<sup>10</sup>. Com isso “não há então nada de espantoso que em Platão, por várias vezes, no *Théétète* (189e), no *Sofiste* (263e) e no *Philèbe* (38c) identifique-se o *logos* e a *dianoia*, isto é, o pensamento”<sup>11</sup> propriamente dito.

É justamente a linguagem que nos arremete a uma teoria do conhecimento platônica no Crátilo, ao se tratar da verdade<sup>12</sup> nos enunciados. A esse respeito, há no Crátilo um dispositivo dialético<sup>13</sup> que alterna perguntas e respostas entre os interlocutores Crátilo, Hermógenes e Sócrates<sup>14</sup>, embora as argumentações estejam estabelecidas a cargo, principalmente, de Sócrates.

Distinguem-se no texto de Platão duas partes. Isto é, um colóquio entre Sócrates e Hermógenes; e outro, entre Sócrates e Crátilo. “Na primeira parte, combate-se a tese de Hermógenes a partir de uma análise minuciosa dos elementos da linguagem; mas na segunda parte, o diálogo se detém mais na tese de Crátilo”<sup>15</sup>. Em ambos os casos, “em termos saussurianos, a questão é saber se o signo linguístico é arbitrário”<sup>16</sup>. Então se submete à apreciação duas proposições que desencadeiam investigações sobre a reprodução da essência<sup>17</sup> do objeto no nome<sup>18</sup>, primadas em duas vertentes: a convencionalista (387 d); e a naturalista (390 e).

A tese convencionalista (*Synthekekaikomologia*), objetivamente, consiste na “doutrina segundo a qual a verdade de algumas proposições válidas, em um ou mais campos, se dê em acordo comum ou entendimento (tácito ou expresso) daqueles que utilizam essas proposições”<sup>19</sup>. Por outro lado, defendido por Hermógenes, o convencionalismo dos termos implica que a justeza dos nomes é uma anuência estabelecida.

[...] A meu ver, o nome que se atribui a um objeto é o nome justo; mude-se o em seguida para um outro, abandonando aquele, e o segundo não é menos

justo que o primeiro; é assim que mudamos os nomes de nossos servidores, sem que o nome substituído seja menos exato que o precedente. Porque a natureza não atribui nenhum nome próprio a nenhum objeto; é questão de uso e de costume aqueles que tomaram o hábito de dar os nomes (384 d).

Na defesa de Crátilo, admite-se na tese naturalista (*physei*) uma conformidade do nome segundo a natureza. Ou seja, Crátilo, por seu turno, sustenta que em cada coisa “tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, designando-as por determinadas vozes de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo”<sup>20</sup>, imutáveis.

## 2. O ESTRATO DA VERDADE CONTIDO NA LINGUAGEM DO CRÁTILLO

Importa notar no Crátilo de Platão que se faz necessário discernir, seja pela etimologia numa justificação do nome apropriado, autenticado pelo legislador ou não, por sua vez resultante de uma lógica<sup>21</sup>, considerando-se, portanto, uma das concepções. Mas não fora este objetivamente o propósito. Platão precipita a discussão “de modo a poder assumir uma posição intermédia entre esses dois extremos, levando a reflexão, pouco a pouco, a uma tomada de posição em relação à essência da linguagem e de sua função no conhecimento”<sup>22</sup> da verdade.

Houve quem visse no Crátilo um simples divertimento de Platão, que estaria arremedando o tipo sofístico de argumentação. O uso delirante que Sócrates faz das etimologias parece confirmar essa hipótese. Todavia é preciso excluir a hipótese de divertimento gratuito, pois é no Crátilo que Platão introduz pela primeira vez a teoria das ideias, contra a afirmação heraclitiana (o filósofo de Éfeso é citado nominalmente) do devir perpétuo<sup>23</sup>.

O discurso discriminado no Crátilo prima pela essência do objeto explicitado na função designativa da linguagem. No Crátilo, conforme Oliveira, Platão até atinge o que se tornou uma das teses fundamentais da linguística contemporânea (387 d): “o falar sobre as coisas é também uma ação (teoria dos *speech-acts*)”<sup>24</sup>, embora não prossiga nesse raciocínio<sup>25</sup>. “Nem o poderia, pois já a própria concepção de pensamento entre os gregos levava a outra dimensão. Para os gregos, o pensamento é concebido como uma espécie de visão”<sup>26</sup>, numa retidão da linguagem (*eidos*). Assim, a linguagem é reduzida a puro instrumento, e o conhecimento do real acontece independente da linguagem<sup>27</sup>. Nesse ínterim, não só pela linguística textual, vislumbram-se também conteúdos

propriamente gramaticais no texto Κρατύλος (Kratýlos). São exemplos destes conteúdos envolvidos nos discursos das personagens no Crátilo a fonologia, a variação linguística, a etimologia, e a sociolinguística, em uma miscelânea que, sobretudo, evoca-se, no Crátilo, uma reflexão sobre a filosofia primeira, e contemporaneamente, outra acerca de sua passagem histórica até a constituição de uma filosofia da linguagem.

Em o Crátilo não é tênue a expressividade da dimensão comunicativa coerente com as ideias, isto é, não de outro modo, a linguagem é o meio representativo do pensamento, para Platão. Isso significa uma perspectiva contrária ao que se propunham os sofistas<sup>28</sup>, no século V, com especial destaque para a erística. Não há, na obra platônica, intenção de se afirmar uma mera convicção<sup>29</sup> sobre a justeza do nome, e sim, esclarecer a verdade sobre o nome, contida na sua origem, seja adotando-se o nominalismo ou o convencionalismo. É por isso que sumariamente “a contemplação das ideias é para Platão um diálogo sem palavras, da alma consigo mesma (Sofista, 263d), e a linguagem não é constitutiva da experiência humana do real, mas um instrumento posterior”<sup>30</sup>. Portanto, para o grego, discípulo de Crátilo, a “tarefa da linguagem consiste, pois, na expressão adequada da ordem objetiva das coisas”<sup>31</sup>, precedida pelo *eidos*, em acordo com a essência. É nesse sentido justamente que, para Platão, o *logos* somente é possível porque carrega em si valor de verdade. Tendo sido discípulo de Sócrates, ele se posta contrariando o propósito sofista, “só o filósofo contempla o mundo das ideias, e conseqüentemente a verdade que nele se encontra”<sup>32</sup>, de forma que o sofista arditosamente emprega a palavra no sentido de uma doxologia argumentativa. “Pode-se, então, estabelecer uma estreita relação entre o não-ser, apresentado nesta obra, e o falso. O não-ser seria a imitação do sensível”<sup>33</sup>, especialidade sofista fundada na simulação da essência, conjecturando uma pseudo verdade.

## **CONCLUSÃO**

Na perspectiva de concepção designativa e instrumental de linguagem, com a linguagem e o conhecimento da verdade dissociada, tangencia-se, contextualmente, a importância dos Sofistas na história da linguagem, tanto que instigaram filósofos da era clássica a proceder estudos sobre o fundamento da unidade de sentido, o nexos com a essência, e a semelhança com o real, embriões da filosofia contemporânea. Implica-se fundamentalmente a validade de um valor de verdade e a pluralidade de sentidos nas palavras enquanto referencial linguístico reflexivo, assimilado de indivíduo para

indivíduo. A impossibilidade de um conhecimento instável está realçada no Crátilo por não se acessar a essência, bem como a fragilidade de cerceá-la em simulacros. Notadamente, a verdade e a essência, assimilativas na forma lógica da linguagem, restringida a uma estrutura de mundo, por sua vez está estancada em um limite da linguagem, que foi antes formalizado por Platão, no Crátilo: tanto que para Platão tais não são apenas díspares, mas categoricamente privativa de se considerar a linguagem subordinada, embora coloquiais no problema clássico da verdade e o mundo sensível. Entende-se que, no Crátilo, a dificuldade em nomear algo impelido pelas teses do Naturalismo e Convencionalismo, rigorosamente de forma precisa, imbricam percepção e interpretação, alicerces do problema do conhecimento.

## **REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I*. Filosofia Analítica, Semiótica, Hermenêutica. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II*. O a priori da comunidade de comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

AUROUX, Silvain. *A Filosofia da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

HESSEN, Johan. *Teoria do Conhecimento*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUISMAN, Denis. *Dicionário de Obras Filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1971.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Reviravolta Linguístico Pragmática na Filosofia Contemporânea*. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_, Manfredo Araújo de. *Sobre Fundamentação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

PLATÃO. *Diálogos*. In Vida e Obra. Coleção Os Pensadores. 2º edição. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. Volume IX. Teeteto – Crátilo. Coleção Amazônica. Pará: Universidade Federal do Pará, 1973.

RAVAZZOLLI, Simone. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo, 1997.

RESENDE, Maria Tânia. *A Teoria da Linguagem em Platão*. Metanoia. São João Del Rei, nº 2, julho de 2000.

VOGT. Carlos. *Linguagem Pragmática e Ideologia*. Campinas: Hucitec/Fumcamp, 1980.

## NOTAS

---

<sup>1</sup>Artigo resultante de estudos realizados no projeto de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) denominado *Verdade, Ética e Educação em Direitos Humanos*; em regime de colaboração com o Mestrado em Desenvolvimento Local e o Grupo de Estudos *No Contexto dos Direitos humanos em Campo Grande e a Intersubjetividade em Termos da Ética e da Alteridade: um estudo jurídico-filosófico e educacional* (Dhiea), ambos da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande-MS.

\* Licenciado em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Aluno do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ética e Filosofia Política da Faculdade AVM Integrada, Rio de Janeiro-RJ. Professor na Rede Privada de Ensino do Distrito Federal. E-mail: *pleinementperdu@yahoo.fr*

\*\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Direito. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), coordenador do projeto de pesquisa *Verdade, Ética e Educação em Direitos Humanos*. E-mail: *amoaela@hotmail.com*

\*\*\* Bacharel em Ciências e Pedagogia com especialização em Filosofia e História da Educação pela Faculdade Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Mestre em Educação (Formação de professores) pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Doutor em Desarrollo Local y Planteamiento Territorial, pela Universidad Complutense de Madrid. Membro do Comitê Científico e do Comitê de Ética em Pesquisa, ambos da UCDB. Professor no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidade, ligado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Professor na graduação de cursos de Licenciaturas e Direito. Coordenador do Projeto de Pesquisa interdisciplinar. *No contexto dos direitos humanos em campo grande e a intersubjetividade em termos da ética e da alteridade: um estudo jurídico-filosófico e educacional* (dhiea), no Programa de Iniciação Científica da Universidade Católica Dom Bosco (PIBIC/UCDB) 2009\_2013. E-mail: *heiroma@ucdb.br*

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Sobre Fundamentação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 51.

<sup>3</sup> HESSEN, Johan. *Teoria do Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Edição, 2003, p. 9.

<sup>4</sup> É muito conhecido o aforisma de Heráclito (540 – 470 a.C): “ninguém toma banho duas vezes no mesmo rio”. Este aforisma é indicativo de uma epistemologia metodologicamente enraizada no Crátilo de Platão, o que é notável enquanto filosofia, levada ao extremo pelo autor. A esse respeito, enquanto base teórica “na versão apresentada por Crátilo, o incessante movimento das coisas tornava-se um empecilho à ciência e à ação, que não podiam dispensar bases estáveis. Buscando justamente estabelecer esses fundamentos seguros para o conhecimento e para a ação, Platão desenvolvera, na fase inicial de sua filosofia, teses que tendem a sustentar a realidade no intemporal e no estático”. PLATÃO. *Diálogos*. In Vida e Obra. Coleção Os Pensadores. 2ª edição São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983, X.

<sup>5</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 207.

<sup>6</sup> Cf. Oliveira, a linguagem é o meio heurístico indispensável para se acessar o conhecimento da realidade. OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Reviravolta Linguístico Pragmática na Filosofia Contemporânea*. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 168.

<sup>7</sup> *Idem*.

- <sup>8</sup> AUROUX, Silvain. *A Filosofia da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 34.
- <sup>9</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1971, p. 162.
- <sup>10</sup> APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia II*. O apriori da comunidade de comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 381.
- <sup>11</sup> Em Platão, “o pensamento é o diálogo (*diálogos*) interior que a alma sustenta com ela mesma, enquanto o logos, discurso, é o pensamento que se escoia da alma em direção ao exterior sob a forma de fluxo vocal” (cf. AUROUX, Silvain. *A Filosofia da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998, p. 34).
- <sup>12</sup> HESSEN, Johan. *Op. Cit*, 2003, p. 4.
- <sup>13</sup> KONDER. Leandro. *O que é Dialética*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 7.
- <sup>14</sup> É importante ater-se que “o grande acontecimento da mocidade de Platão foi o encontro com Sócrates. Na época da oligarquia dos Trinta (entre os quais estavam Cármides e Crítias), os governantes haviam tentado fazer de Sócrates cúmplice na execução de Leon de Salamina, cujos bens desejavam confiscar. Sócrates recusou-se a participar da trama indigna e, evidentemente, deixou de ser visto com simpatia pelos tiranos. Mais tarde, já reinstaurado o regime democrático em Atenas, Sócrates é acusado de corromper a juventude, por difundir ideias contrárias à religião tradicional, condenado a morrer bebendo cicuta. Platão, que seguira os debates de Sócrates e que o considerava – como escrevera no Fédon – o mais sábio e o mais justo dos homens -, pôde acompanhar de perto o tratamento que seu mestre recebera de ambas as facções políticas”. PLATÃO. *Diálogos*. In *Vida e Obra*. Coleção Os Pensadores. 2ª edição. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983. X.
- <sup>15</sup> HUISMAN, Denis. *Dicionário de Obras Filosóficas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 90.
- <sup>16</sup> *Idem*, p.90
- <sup>17</sup> PLATÃO. *Diálogos*. Volume IX. Teeteto – Crátilo. Coleção Amazônica. Pará: Universidade Federal do Pará, 1973, p. 171.
- <sup>18</sup> *Ibidem*, p. 170.
- <sup>19</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 207.
- <sup>20</sup> PLATÃO. *Op. Cit.*, 1973, p. 119.
- <sup>21</sup> A esse respeito Apel, em concordância com Wittgenstein, traz à tona que “a ação de denominar surge como uma ligação singular entre uma palavra e um objeto. – E uma ligação tão singular como essa terá efetivamente acontecido quando o filósofo, a fim de descobrir o que perfaz a relação entre o nome e a coisa denominada, fitar um objeto posto à sua frente e repetir diversas vezes um nome, ou então uma palavra ‘este’. Pois os problemas filosóficos surgem quando a linguagem festeja; e aí podemos imaginar até mesmo que a denominação seja um ato anímico notável, de um tipo qualquer algo como o batismo de um objeto”. WITTGENSTEIN, Ludwig J. *Investigações Filosóficas*. § 309 *apud* APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia I*. Filosofia Analítica, Semiótica, Hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 311.
- <sup>22</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Op. Cit*. 2006, p. 18.
- <sup>23</sup> HUISMAN, Denis. *Op. Cit*, 2000, p. 90.
- <sup>24</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Op. Cit*. 2006, p. 19.
- <sup>25</sup> Para Vogt, a linguagem como ação, concebida como atividade humana consciente, transforma *ipso facto* a realidade. “A concepção de língua como atividade tem, talvez, sua origem mais evidente nos trabalhos do filósofo inglês J.L Austin. De fato, Austin, 1962, partindo de análise de certos enunciados, a que chama performativos, distingue-os dos enunciados a que chama conotativos para chegar, enfim, a uma teoria mais ampla dos atos de linguagem”. VOGT, Carlos. *Linguagem Pragmática e Ideologia*. Campinas: Hucitec/Fumcamp., 1980, p. 96.
- <sup>26</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Op. Cit*, 2006, p.19.
- <sup>27</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>28</sup> Os sofistas, Grécia antiga, eram os “mestres da retórica e cultura geral que exerceram forte influência sobre o clima intelectual grego, entre os sécs. V e VI a.C., a sofística não era uma escola filosófica, mas uma orientação genérica que os sofistas acataram devido às exigências de sua profissão”. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 918.

<sup>29</sup> Importa, aqui ressaltar que linguagem como discurso não é neutra, inocente, mas um modo de produção social, uma articulação entre os fenômenos linguísticos e os processos ideológicos. BRANDÃO *apud* RAVAZZOLLI, Simone. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo, 1997, p. 157.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. *Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. 3º edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 19.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>32</sup> RESENDE, Maria Tânia. A Teoria da Linguagem em Platão. *Metanoia*. São João Del Rei, n° 2, 2000, p. 37-44.

<sup>33</sup> *Idem*.